

Dinâmicas demográficas das pequenas cidades do Centro Sul e Sul Baiano (1991-2010)

Elias Antônio Batista Santos

da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Vitória da Conquista - Brasil
eliasantonio980@gmail.com

Altemar Amaral Rocha

da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Vitória da Conquista - Brasil
altemarrocha@gmail.com

Resumo: O presente texto tem como objetivo analisar as dinâmicas demográficas das pequenas cidades do Centro Sul e Sul Baiano entre os anos de 1991 a 2010. Para seu desenvolvimento, utilizou-se uma metodologia de caráter quali-quantitativo. Desse modo, foi feito um levantamento bibliográfico relacionado ao tema sugerido e ao espaço estudado; também foi realizada uma coleta de dados sobre os municípios da área de estudo nos Censos Demográficos do IBGE dos anos 1991, 2000 e 2010. Tais dados foram tabulados com o software Microsoft Excel 2016, outrossim, foi utilizado os softwares MapViewer 8 e QGIS v3.16.6 para elaboração de mapas. A partir das informações coletadas, observou-se nos municípios mudanças demográficas, tais como: crescimento do urbano, declínio demográfico de pequenas cidades e a ascensão de cidades médias. Assim, devido as pequenas cidades perfazerem um universo bem variado no Brasil, se faz necessário pesquisas empíricas para se conhecer tais realidades.

Palavras-chave: pequenas cidades; urbano e rural; dinâmicas demográficas.

Introdução

O estudo da temática envolvendo as cidades é bastante assimilado no contexto geográfico (MAIA, 2010). Considera-se como precursor destes o trabalho intitulado “O estudo geográfico das cidades”, de Pierre Monbeig (*apud* MAIA, 2010), publicado em meados da década 50 do século passado.

Desde então, seja no enfoque de estudo às redes urbanas (a partir de 1950, tendo maior intensidade na década de 70); seja na análise da produção do espaço e suas contradições a partir do devir da Geografia crítica; seja no enfoque à pesquisa das metrópoles e até a indagação se as teorias e metodologias nos estudos destas últimas poderiam ser aplicadas ao estudo das cidades médias e pequenas, muito se tem produzido sobre o tema (e muito tem ainda de ser produzido).

Porém, os estudos que versam sobre pequenas cidades fazem um grupo pequeno em relação a seu grande universo de estudo, chegando ao ponto de Endlich (2006) considerá-los como raros. Cada pequena cidade possui sua especificidade, seja histórica, cultural, econômica e/ou geográfica, isto é, as mesmas constituem um conjunto muito variado (CORRÊA, 2011).

Nesse sentido, o presente texto tem como objetivo analisar as dinâmicas demográficas vivenciadas nas pequenas cidades do Centro Sul e Sul Baiano entre os anos de 1991 a 2010. A temática surge a partir do projeto de pesquisa “Estratégias de apropriação do espaço em pequenas cidades”, do qual o primeiro autor é bolsista de iniciação científica, e o segundo, orientador. Perfaz uma primeira aproximação com o objeto de estudo para prosseguimento nas análises.

A justificativa do trabalho reside na tentativa de avançar nos estudos sobre as pequenas cidades (e especificamente nas do Centro Sul e Sul Baiano), contribuindo assim com o desenvolvimento teórico sobre as mesmas, que conforme aponta Ferraz (2020), vários pesquisadores citados em Marengo e Ferreira (2014) e Maia (2010), necessitam de estudos empíricos, ou seja, que se busque *in loco* as particularidades destas. Para além disso, busca-se providenciar subsídios para comparações com resultados do Censo Demográfico do IBGE de 2022 (que no momento de redação desse texto ainda está em andamento).

Revisão de literatura

Oficialmente, cidade é onde fica localizada toda sede de município, isto é, onde está sediada a Prefeitura deste (BRASIL, 1938; SOUZA, 2005; ENDLICH, 2009; MAIA, 2010). Souza (2005), contudo, ao discutir sobre o que tornaria uma cidade, de fato, cidade, de um ponto de vista teórico, elenca alguns elementos. Segundo o autor, mais que possuir determinada quantidade de habitantes, a mesma precisa: a) apresentar certa centralidade econômica e também política; b) apresentar características econômico-espaciais que a diferenciem de um simples núcleo, por exemplo, rural. Isto é, apresentar, por exemplo, classes sociais não ligadas diretamente à agricultura e/ou pecuária; e c) apresentar certa diversificação da vida econômica.

Endlich (2006, 2009), por sua vez, partindo de um referencial miltoniano, chama atenção à “complexidade mínima” a qual uma cidade deve ter para de fato, ser uma cidade. Esta complexidade corresponde à quando a localidade consegue suprir as demandas mínimas da sua população. Quando não há esse fator, os núcleos são considerados “pseudocidades” ou “cidades de subsistência”, que são localidades que atendem aos imperativos de, geralmente, atividades primárias (embora possam ser ainda de atividades secundárias, terciárias ou ainda de influência industrial).

Entretanto, o que é a cidade? Corrêa (1989) afirma que o espaço urbano – que é a cidade para o autor – pode ser entendido como “[...] conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si” (CORRÊA, 1989, p. 7). Esses diferentes usos do solo – as fragmentações, se articulam entre si, e essa realidade fragmentada-articulada é um reflexo da sociedade, que no presente caso é a capitalista (dividida em classes), cuja organização espacial torna-se condicionante para sua perpetuação, haja vista que produção é também reprodução (CORRÊA, 2007; MOREIRA, 2007). Para além disso, a cidade apresenta uma dimensão simbólica, pois é o local de vivência e reprodução das pessoas que aí vivem, e é também o palco das lutas sociais, visto que “[...] o cotidiano e o futuro próximo acham-se enquadrados num contexto de fragmentação desigual do espaço [...]” (CORRÊA, 1989, p. 9).

Ao que Corrêa (1989) chama de espaço urbano, Spósito (1991) chama de “estruturação urbana”, que é justamente o arranjo dos diferentes usos de solo, sendo um local de produção e também de consumo. Segundo a autora, estes usos estão em contínua mudança, ainda que devido à acentuação da divisão social do trabalho – que provoca a divisão territorial do trabalho –, os solos tenham determinados usos (moradia, produção, lazer etc). Este processo de mudança está subordinado às leis de mercado e é determinado pela instituição da propriedade privada da terra (SPÓSITO, 1991). Ademais, esta “[...] organização/desorganização da cidade contém a dinâmica do próprio processo social que a determina [...]” (SPÓSITO, 1991, p. 2), sendo a estrutura de cada corte histórico, determinante das seguintes. De fato, a cidade se apresenta como um lugar “[...] onde se re[ú]nem as melhores condições para o desenvolvimento do capitalismo” (SPÓSITO, 2005, p. 64).

No que concerne às terminologias “média e pequena”, ambas estão ligadas ao tamanho das cidades, e isso, por sua vez, conduz ao estudo das redes e hierarquias urbanas. Estes estudos (funcionais ou que priorizam o sistema hierárquico), segundo Maia (2010 p. 18), “[...] tomam como base os dados referentes a seus contingentes populacionais”. Assim sendo, de modo geral, costuma-se classificar as cidades como sendo: a) pequenas – quando possuem até 20.000 habitantes; b) médias – quando seu número de habitantes é maior que 20.000 e menor que 500.000; e c) grandes – quando o número de habitantes ultrapassa 500.000.

Entretanto, tal classificação apresenta certos problemas, pois apresenta um caráter sobremodo homogeneizador:

Assim, não se pode deixar de considerar a contagem populacional quando se quer pensar sobre o que se denomina de pequenas e médias

idades, mas o que se afirma é que este dado não traduz a dinâmica do conjunto de cidades estudadas ou mesmo não é sinônimo de uma dada realidade (MAIA, 2010, p. 18-19).

A cidade de Encruzilhada (BA), por exemplo, localizada na Mesorregião Geográfica do Centro Sul Baiano, que segundo o Censo de 2010 tinha população urbana de 23.840 habitantes, estaria englobada no mesmo grupo que, por exemplo, Vitória da Conquista (BA), que em 2010 tinha 274.739 habitantes. Semelhantemente, uma cidade como Feira de Santana (BA), que em 2010 tinha 510.635 de população urbana, estaria no mesmo grupo que, por exemplo, Salvador (BA), cujo quantitativo ultrapassa 2 milhões. Ou seja, cidades nitidamente diferentes no quesito populacional seriam englobadas em um mesmo grupo.

Além desse fator, tem-se a questão da localização (ENDLICH, 2006) e as condições econômicas regionais. Conforme aponta Souza:

[...] Uma cidade média em uma região pobre, como o Nordeste brasileiro, tenderá a não apresentar comércio e serviços tão diversificados e sofisticados quanto uma cidade de mesmo porte em uma região mais próspera, com uma presença bem mais expressiva de estratos de renda médios, como o interior de São Paulo ou o Sul do país, por exemplo (SOUZA, 2005, p. 30-31).

Cada cidade possui sua particularidade, seja histórica, cultural, econômica e/ou geográfica. Definitivamente, “[...] hoje, cada cidade é diferente da outra, não importa o tamanho, pois entre as metrópoles também há diferença” (SANTOS, 1998, p. 53 *apud* SANTANA, 2017, p. 21). Tendo em vista estas particularidades, toma-se como um breve exemplo o estudo de Santana (2017), que ao discutir o processo de urbanização do município de Nova Canaã (BA), discorre que este núcleo “[...] teve toda a sua estrutura fundamentada na educação”, afirmando que importante fator nessa conjuntura foi uma escola, atualmente conhecida como Colégio Florestal, cuja história “[...] mistura-se com a história de construção e crescimento do município” (SANTANA, 2017, p. 24).

Neste sentido, Henrique (2010, p. 46-47) argumenta que mais que o número populacional, nos estudos das cidades pequenas e médias deve-se levar em consideração:

[...] o entendimento sobre suas características, seus cotidianos, suas funções e suas formas [...]. A leitura e a análise de uma cidade média, bem como de uma pequena, devem estar articuladas em diferentes escalas de análise, a partir de combinações particulares entre o tamanho demográfico, o plano morfológico e as funções e usos urbanos que as colocam em diferentes papéis e posições/situações (não hierarquicamente rígidas) na rede urbana).

É também nessa perspectiva que Endlich (2009) chama atenção à necessidade de estabelecer comparações com as demais categorias de assentamentos urbanos nos estudos de pequenas cidades, isto é, sugere que a partir de determinados fatores (estrutura fundiária, densidade demográfica e total de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços), se estabeleça uma área de comparação. Além disso, aconselha uma flexibilização na classificação, visto que tal objeto varia no tempo e no espaço e pela constatação de que nenhuma cidade existe isolada, ou seja, sem trocar algum tipo de informação ou bens com outras localidades. Ademais, observa-se, levando-se em consideração o tipo ou à intensidade dos fluxos, que todas as cidades “[...] se acham ligadas entre si no interior de uma rede – no interior da rede urbana” (SOUZA, 2005, p. 50), ou seja, elas se articulam (ENDLICH, 2006). Se isso era bem verdade tempos atrás, mais especificamente a partir dos anos 1960, com o começo da efetiva articulação do território brasileiro (CORRÊA, 2011), quanto mais hodiernamente com o avanço da mundialização, globalização e multinacionalização/internacionalização do capital (CORRÊA, 1999; SPÓSITO, 1999 *apud* ENDLICH, 2006; GOMES, 2012).

A despeito das particularidades, Corrêa (2011) aponta algumas características gerais das pequenas cidades, as quais podem servir como ponto de partida em análises concretas. São elas: a) as pequenas cidades têm origens diversas; b) elas podem ser entendidas como núcleos de povoamento em que certa parte da população está ligada a atividades de transformação, circulação de mercadorias ou mesmo prestação de serviços; c) é considerada um núcleo dotado da função da sede municipal, isto é, função político-administrativa; d) é caracterizada por ser um centro local, ou seja, “[...] um centro que exerce centralidade em relação ao seu território municipal [...]” (CORRÊA, 2011, p. 7); e) ao se considerar o conjunto de características relacionadas aos núcleos urbanos, bem como suas hinterlândias, as pequenas cidades constituem um universo muito variado.

Nessa mesma lógica, Maia (2010), ao levar em consideração as cidades pequenas e médias do Nordeste, observa certas similitudes. Segundo a autora, além da economia frágil, nas primeiras percebe-se:

[...] forte relação campo–cidade, que se revela na economia municipal, em que a agricultura e a pecuária aparecem como os principais componentes econômicos, assim como a incipiente oferta de serviços e ainda um comércio bastante restrito, especialmente naquelas de menor contingente populacional (MAIA, 2010, p. 29).

Pode-se vislumbrar algumas destas características a partir da pesquisa de Gomes (2012), que teve como objeto de estudo algumas pequenas cidades do Rio Grande do Norte (RN) quanto às atividades terciárias.

Já nas cidades médias, por sua vez, foi observado que “[...] tanto os serviços como o comércio são mais diversificados, sendo reveladores da centralidade desses núcleos” (MAIA, 2010, p. 29).

No que respeita ao contingente populacional, Maia (2010) observou que no Nordeste, levando em consideração dados do ano 2000, havia: I – 1.552 cidades com até 20.000 habitantes; II – 225 cidades entre 20.001 a 500.000 habitantes; e III – 9 cidades acima de 500.000 habitantes.

Esse decréscimo pôde também ser observado por Endlich na sua área de estudo, o Noroeste do Paraná (ENDLICH, 2006). Entrementes, isto não é uma particularidade de determinadas áreas, antes, é do território brasileiro. No “Regiões de Influência das Cidades”, o REGIC (IBGE, 2020), que caracterizou as cidades brasileiras em 5 níveis (e estes em subníveis), observou-se que as que possuem maiores contingentes populacionais compõe um grupo menor, enquanto as que possuem contingente menor, um grupo maior:

- Metrópoles (15 centros urbanos): São Paulo (21,5 milhões de habitantes), Rio de Janeiro (12,7 milhões de habitantes), Brasília (3,9 milhões de habitantes) e 12 arranjos populacionais com média de 3 milhões de habitantes;
- Capitais regionais (97 cidades): na subdivisão Capital regional A, possui população variando entre 800.000 a 1,4 milhões de habitantes, na subdivisão B, uma média de 530.000 habitantes e na C, média de 300.000 habitantes;
- Centros sub-regionais (352 cidades): média populacional de 85.000 habitantes;
- Centros de zona (398 cidades): média populacional de 30.000 habitantes;
- Centros locais (4037 cidades): média populacional de 12.500 habitantes.

Na Bahia, por sua vez, com base em dados de 2010 sobre a população urbana, encontrou-se 338 cidades com até 20.000 habitantes, 77 com 20.000 a 500.000 e apenas 2 (Salvador e Feira de Santana) com mais de 500.000 (IBGE, 2010).

Metodologia

A área de estudo do presente texto levará em consideração as pequenas cidades das Mesorregiões Geográficas do Centro Sul e Sul Baiano – bem como suas microrregiões (Figura 1) –, utilizando-se de metodologia de caráter qualitativo e quantitativo.

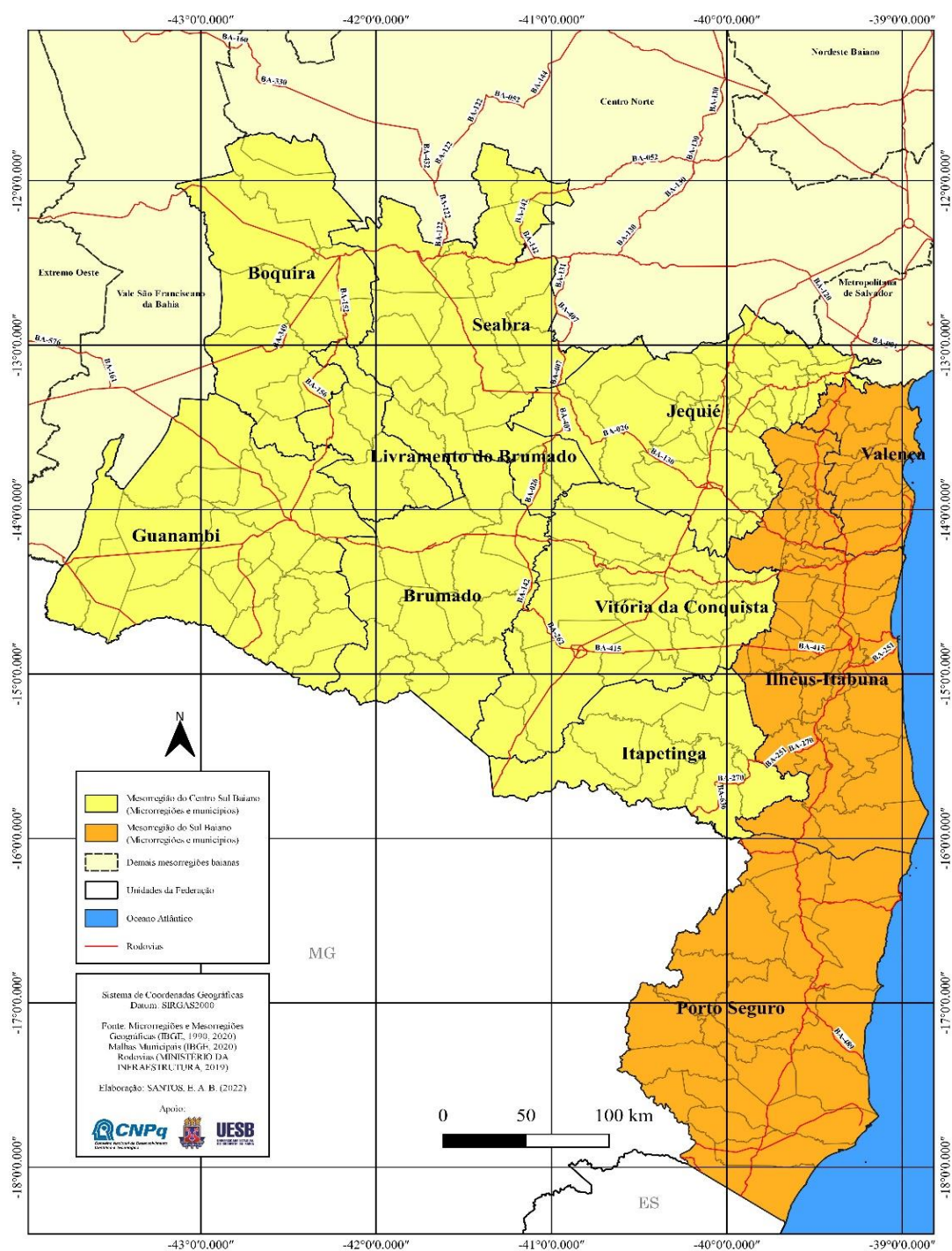


Figura 1 – Mesorregiões Geográficas do Centro Sul e Sul Baiano: Microrregiões Geográficas (2020)

Em primeiro momento, foi feito um levantamento bibliográfico relacionado ao tema sugerido e ao espaço estudado. As bibliografias escolhidas podem ser organizadas nos seguintes tópicos: a) – espaço geográfico enquanto produto social (SMITH, 1988; CORRÊA, 2007; MOREIRA, 2007); b) – espaço urbano: a cidade (CORRÊA, 1989; SPÓSITO, 1991, 2005; SOUZA, 2005); c) – pequenas cidades (CORRÊA, 1999, 2011; ENDLICH, 2006, 2009; MAIA, 2010; HENRIQUE, 2010; GOMES, 2012; MARENGO; FERREIRA, 2014) e; d) – cidades baianas, hierarquia urbana e regionalização (IBGE, 1990, 2020; PINHEIRO, 2007; SANTOS, 2010; AGUIAR *et al*, 2014; SANTANA, 2017; FERRAZ, 2020).

No segundo momento, em caráter quantitativo, foi feita coleta de dados sobre os municípios da área de estudo nos Censos Demográficos do IBGE dos anos 1991, 2000 e 2010 e, a partir dos mesmos, foi também obtido o grau de urbanização. Tais dados foram tabulados com a utilização do software *Microsoft Excel 2016*. Ademais, foi também utilizado os softwares *MapViewer 8* e *QGis v3.16.6* para elaboração de mapas.

Dito isso, para a viabilização deste estudo, foi feita a correlação de ambos os tipos de dados, os quantitativos e qualitativos. E, para fins de análise e pesquisa, à semelhança de Ferraz (2020), optou-se por classificar as cidades quanto à população urbana. Considerou-se então pequenas cidades aquelas as quais possuem até 20.000 de população urbana, as médias de 20.000 a 500.000, e grandes as com acima de 500.000 habitantes. A definição de cidade, por hora, é vista do ponto de vista legal: como sede do município (BRASIL, 1938).

Pequenas cidades do Centro Sul e Sul Baiano

O Centro Sul Baiano é composto por 118 municípios, distribuídos em 8 Microrregiões (IBGE, 1990): Boquira (11 municípios), Seabra (18 municípios), Jequié (26 municípios), Livramento de Nossa Senhora (5 municípios), Guanambi (18 municípios), Brumado (14 municípios), Vitória da Conquista (17 municípios) e Itapetinga (9 municípios).

Nesse sentido, ao considerar a população urbana como determinante para se classificar as cidades, observou-se que todos municípios da Microrregião de Boquira têm pequenas cidades (11 municípios). De modo geral, os que apresentaram as mais significativas mudanças demográficas são Brotas de Macaúbas (que tinha 14.263 hab. em 1991 e 10.717 em 2010), Tanque Novo (possuía 12.661 hab. em 1991 e 16.128 em 2010)

e o caso específico de Macaúbas (município com maior número de habitantes desta Microrregião), que aumentou o quantitativo populacional total, urbano e rural entre 1991-2010 (sendo o rural o quantitativo maior). Ademais, com exceção de Ipupiara, levando em consideração 2010, todos os outros 10 municípios têm grau de urbanização menor que 50%.

Na Microrregião de Seabra, com exceção de Seabra (considerando 2010, em que possuía 20.277 hab.) todos os outros 17 municípios possuem pequenas cidades. Aqui, os que apresentaram as mais significativas mudanças demográficas foram Mucugê (de 13.675 hab. em 2000 para 10.545 em 2010), Barra da Estiva (que em 1991 tinha 17.246 hab. e em 2010, 21.187) e Ibicoara (8.726 hab. em 1991 para 17.282 em 2010, tendo o seu grau de urbanização passado de 27,78% em 2000 para 63,42% em 2010). Outrossim, dos 18 municípios, 7 (incluindo Ibicoara) possuem grau de urbanização maior que 50%.

Dos 26 municípios da Microrregião de Jequié, com exceção de Amargosa, Jequié e Jaguaquara, todos os outros possuem pequenas cidades. No que tange aos que apresentaram mudanças demográficas mais significativas, aparecem Iramaia, Jitaúna e Maracás, que tiveram drásticas reduções no quantitativo total. E no que concerne ao grau de urbanização, mais da metade (16 municípios) têm mais de 50%, sendo a pequena cidade com maior grau a de Santa Inês, com 91,81%.

Com exceção da cidade de Livramento de Nossa Senhora, na Microrregião de Livramento de Nossa Senhora, todos os outros quatro são pequenas cidades. Estes últimos apresentaram dinâmicas demográficas variadas: paulatinamente, Dom Basílio aumentou o quantitativo populacional (em 1991 possuía 9.730 hab. e em 2010 11.355), enquanto que Rio do Pires diminuiu (embora a margem seja curta, visto que em 1991 possuía 12.101 hab. e em 2010, 11.918); Érico Cardoso teve um aumento no quantitativo total de 1991 para 2000, e diminuição deste último para 2010; já Paramirim teve uma redução no quantitativo total de 1991 para 2000, e aumento deste último para 2010. No que toca às semelhanças, todos os municípios desta microrregião possuem maior quantitativo populacional rural (os cinco possuem grau de urbanização menor que 50%).

Na Microrregião de Guanambi, 16 municípios do total de 18 têm pequenas cidades (as exceções são Caetité e Guanambi). De forma geral, as dinâmicas demográficas desses municípios se apresentaram da seguinte forma: os que tiveram gradual crescimento no quantitativo populacional total (Caculé, Igaporã, Lagoa Real, Malhada, Matina, Riacho de Santana, Sebastião Laranjeiras e Urandi), os que tiveram redução em algum Censo (Ibiassucê, Licínio de Almeida), os que obtiveram oscilações nas casas das centenas (Iuiu, Jacaraci, Mortugaba e Palmas de Monte Alto) e os que tiveram mudanças

híbridas dos dois últimos grupos citados (Candiba e Pindaí). Sobre o grau de urbanização, por sua vez, apenas 4 cidades apresentaram (em 2010) porcentagem maior que 50%.

Dos 14 municípios da Microrregião de Brumado, com exceção de Brumado, todos os outros possuem pequenas cidades. No que concerne aos que apresentaram mudanças demográficas mais significativas, aparecem dentre os que perderam quantitativo populacional total: Caraíbas (em 1991 possuía 17.088 hab. e em 2010, 10.222), Maetinga (em 1991 possuía 10.399 hab., em 2000 13.660 e em 2010, 7.038), Piripá (em 2000 possuía 16.114 hab., e em 2010, 12.783) e Presidente Jânio Quadros (que em 2000 tinha 17.020 hab., e já em 2010, 13.652); e dentre os que obtiveram aumento, destaca-se Ituaçu por seu paulatino crescimento (em 1991 possuía 16.095 hab., em 2000 17.250 e em 2010, 18.127). Sobre o grau de urbanização, nenhum dos 13 possuem porcentagem maior que 50%.

Com exceção de Barra do Choça, Poções e Vitória da Conquista, todos os outros 14 municípios da Microrregião de Vitória da Conquista têm pequenas cidades. Sobre os municípios que tiveram mudanças demográficas significativas, aparecem: Anagé (cujo quantitativo populacional total era 40.722 hab. em 2000, e 25.516 em 2010), Boa Nova (cujo quantitativo populacional total era 20.593 hab. em 2000, e 15.411 em 2010) e Nova Canaã (que apresentou paulatino crescimento entre 1991-2010, tanto na população rural como na urbana). Outros, como os exemplos de Belo Campo e Dário Meira, tiveram aumento no quantitativo populacional total de 1991 para 2000, e redução de 2000 para 2010. No que toca ao grau de urbanização, das 14 pequenas cidades, 6 tem porcentagem maior que 50% (em 2010).

Na Microrregião de Itapetinga, que compreende 9 municípios, 8 possuem pequenas cidades (a exceção é Itapetinga). 4 destes últimos apresentaram reduções significativas no quantitativo populacional total: Encruzilhada, Itambé, Potiraguá e Ribeirão do Largo. Outrossim, apenas Macarani apresentou paulatino crescimento entre 1991-2010. Interessantemente, esta microrregião se apresenta majoritariamente com população urbana (com exceção de Encruzilhada, todos os outros tem grau maior que 50%).

O Sul Baiano, por sua vez, é composto por 70 municípios, distribuídos em 3 Microrregiões (IBGE, 1990): Valença (10 municípios), Porto Seguro (19 municípios) e Ilhéus-Itabuna (41 municípios).

Na Microrregião de Valença, com exceção de Valença, todos os outros 9 municípios têm pequenas cidades. Camamu, Ituberá, Marau e Presidente Tancredo Neves apresentaram paulatino crescimento no quantitativo populacional total, enquanto que Pirai do Norte apresentou paulatina redução. A população urbana vem de forma geral aumentando, ainda que em 2010, dentre os 9, apenas 2 municípios (Cairu e Ituberá) obtiveram grau de urbanização maior que 50%. Destaque para Ituberá, cujo grau foi de 72,40%.

A Microrregião de Porto Seguro, por sua vez, dos seus 19 municípios, 12 possuem pequenas cidades. Entre estes, os que apresentaram mudanças demográficas mais expressivas foram: Santa Cruz Cabrália (passou de 6.535 hab. no quantitativo populacional total em 1991 para 26.264 em 2010); e os municípios de Alcobaça, Caravelas e Prado, que apresentaram paulatino aumento no quantitativo total. Guaratinga, Itagimirim, Itanhém, Jucuruçu e Vereda, entretanto, apresentaram paulatina redução no quantitativo total. Esta Microrregião tem majoritariamente maior quantitativo populacional urbano (apenas 3 municípios possuem grau de urbanização menor que 50%: Guaratinga, Jucuruçu e Vereda).

Dos 41 municípios que formam a Microrregião de Ilhéus-Itabuna, 35 têm pequenas cidades. De forma geral, grande parte deles apresentaram redução no quantitativo populacional, seja gradualmente ou em algum período entre 1991-2010. Para exemplificar, cita-se os seguintes: Coaraci, em 1991, possuía quantitativo populacional total de 31.064 hab. e, em 2010, 20.964; e Uruçuca, que em 1991 tinha 30.763 hab., e já em 2010, 19.837. Semelhante à Microrregião de Porto Seguro, a de Ilhéus-Itabuna tem majoritariamente quantitativo populacional urbano, visto que 37 dos 41 municípios possuem grau de urbanização maior que 50%, à exceção são: Ibirapitanga, Nova Ibiá, Teolândia e Wenceslau Guimarães.

Na Figura 2 está representado o grau de urbanização (com base em 2010), dos municípios que compõe as duas Mesorregiões analisadas anteriormente.

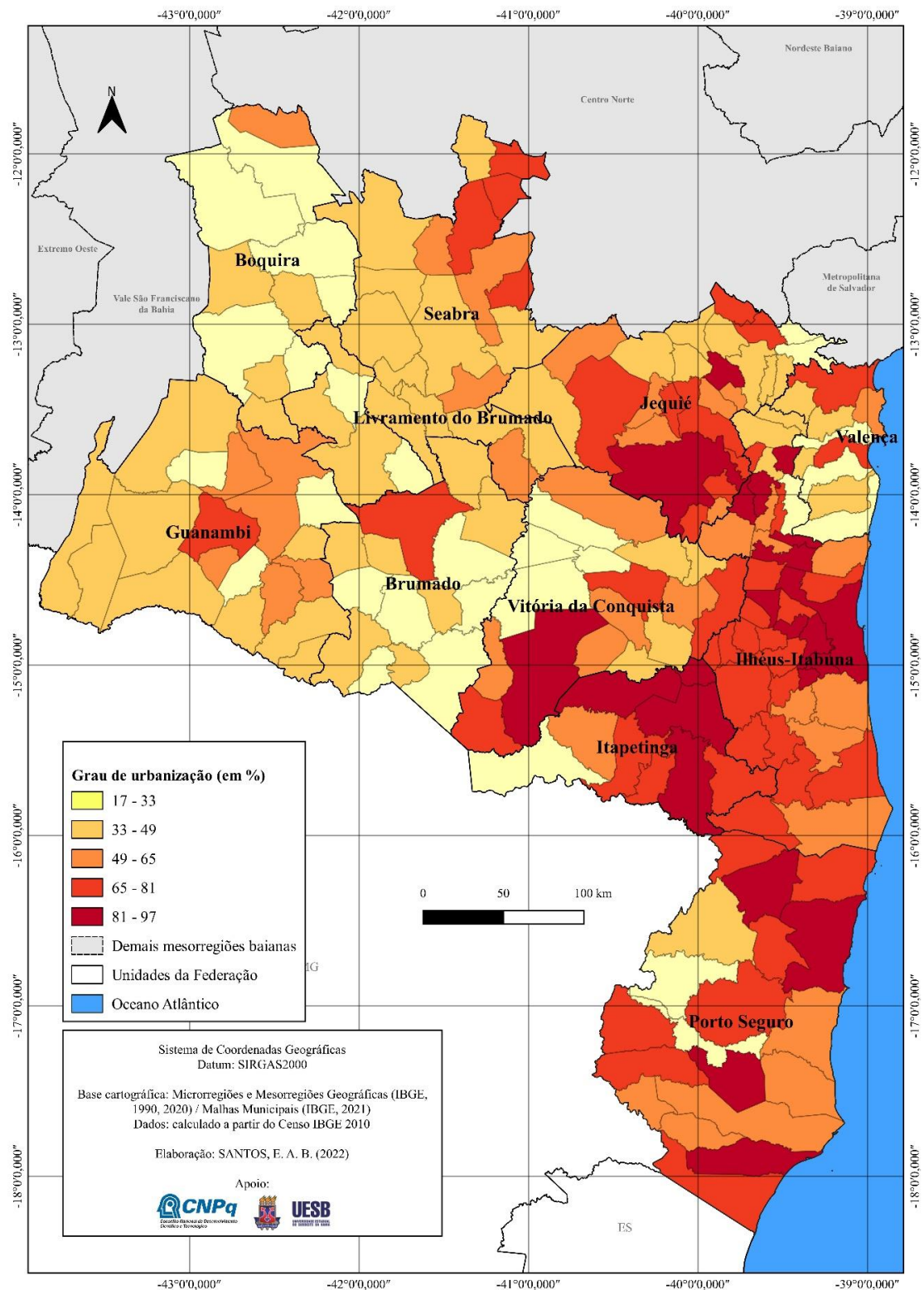


Figura 2. Microrregiões das Mesorregiões Geográficas do Centro Sul e Sul Baiano: grau de urbanização dos municípios (2010)

Passa-se agora à segunda etapa da análise quantitativa dos municípios das duas Mesorregiões estudadas, o rendimento nominal médio mensal. Na Figura 3 está representado esse elemento, em conjunto com o grau de urbanização, a fim de se realizarem as correlações.

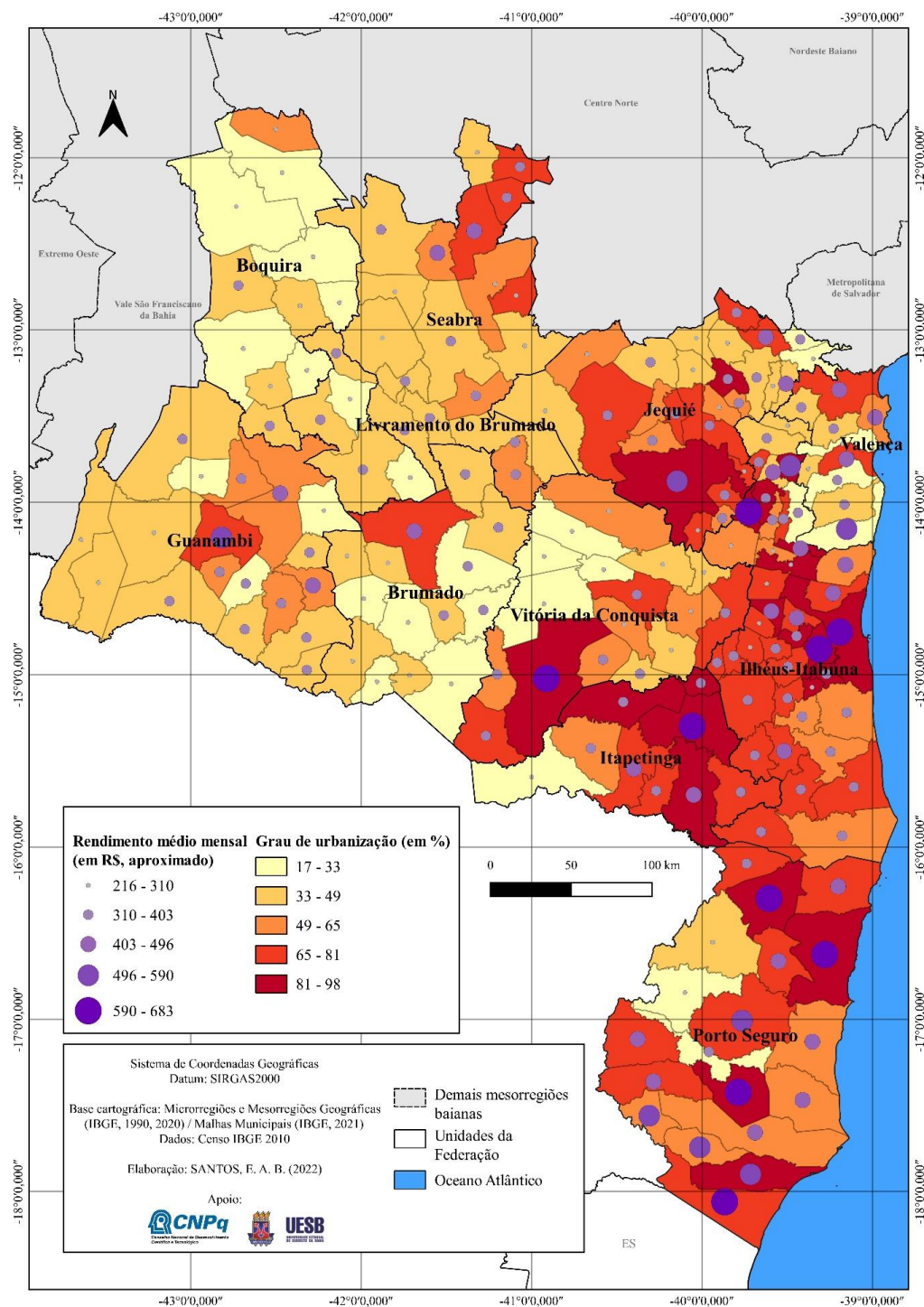


Figura 3. Microrregiões das Mesorregiões Geográficas do Centro Sul e Sul Baiano: rendimento nominal médio mensal dos municípios e grau de urbanização (2010)

Observa-se que na Mesorregião do Centro Sul (levando em consideração dados do Censo de 2010), 52 municípios possuem rendimento médio mensal de R\$ 216-310; 53 de 310-403; 9 de 403-496; 2 de 496-590 e 2 de 590-683. No Sul, por sua vez, 12 municípios possuem rendimento médio mensal de R\$ 216-310; 29 de 310-403; 16 de 403-496; 6 de 496-590 e 7 de 590-683. Há de se levar em consideração que esses números estavam abaixo da média baiana, que era de R\$ 897,92, e também brasileira, que era de R\$ 1.340,48. Na Tabela 1 encontra-se os 10 maiores rendimentos médios mensais de cada Mesorregião, com seus respectivos graus de urbanização.

Tabela 1. Mesorregiões do Centro Sul e Sul Baiano: municípios com maiores rendimentos nominais médios mensais e respectivos graus de urbanização (2010)

Municípios	Rendimento nominal médio mensal (R\$)	Grau de urbanização (%)
Mesorregião do Centro Sul		
Palmeiras	434,1	62,29
Mutuípe	437,79	45,03
Caculé	442,03	59,85
Lençóis	454,44	77,52
Brumado	465,09	69,86
Caetité	472,81	59,87
Jequié	545,4	91,79
Guanambi	571,69	79,36
Itapetinga	593,51	97,07
Vitória da Conquista	646,35	89,53
Mesorregião do Sul Baiano		
Lajedão	528,4	55,61
Maraú	537,16	18,64
Nova Viçosa	577,53	86,95
Porto Seguro	644,3	82,00
Mucuri	645,15	76,31
Ipiaú	658,66	90,98
Teixeira de Freitas	661,33	93,44
Ilhéus	677,82	84,28
Itabuna	682,36	97,55
Eunápolis	682,86	93,23

Fonte: Censo IBGE, 2010.

Dos 20 municípios listados, apenas 2 (Mutuípe e Maraú) possuíam grau de urbanização abaixo de 50%. Assim sendo, de forma geral, municípios com maior grau de urbanização possui também maiores rendimentos.

Outrossim, dos 20 municípios, no Centro Sul, 4 são cidades pequenas e 6 médias, e no Sul Baiano, 2 possuem cidades pequenas e 8 médias. Totaliza-se então 6 cidades pequenas e 14 médias.

Possíveis significados

Os dados, ainda como ponto de partida, revelam os resultados da dinâmica da sociedade na sua produção do espaço. Segundo Smith, “[...] nós não vivemos, atuamos ou trabalhamos ‘no’ espaço, mas sim produzimos o espaço, vivendo, atuando e trabalhando” (1988, p. 132). E, sendo uma produção da sociedade na sua relação com a natureza mediada pelo trabalho (CORRÊA, 2007; MOREIRA, 2007), o mesmo é condicionante e expressão de processos sociais (políticos, econômicos, culturais etc), portanto, para compreendê-lo, importa vê-lo nesse contexto geral (ENDLICH, 2006).

Desse modo, as características demográficas observadas nos municípios do Centro Sul e Sul Baiano, a saber: o crescimento do urbano, mesmo que em alguns a população rural tenha crescido; o declínio demográfico das pequenas cidades e a ascensão das médias, são características vistas também em outras localidades do país.

O declínio pode estar ligado a fatores diversos, seja devido a desmembramentos, fatores econômicos, centralidade de outros núcleos, etc. Em Canavieiras (BA) há um exemplo dessas particularidades: devido à crise na cacauicultura (sobretudo referindo-se à praga vassoura-de-bruxa), o município deixou de ser majoritariamente rural para se tornar majoritariamente urbano na passagem de 1980-1991 (o grau de urbanização era de 34,91% em 1980, e de 62,56% em 1991). Essa migração rural-urbano ocasionou uma expansão da cidade, ao passo que os problemas sociais aumentaram (AGUIAR *et al*, 2014).

Santos (2010), por sua vez, em um ponto de vista mais panorâmico sobre a Bahia, ao discutir a mobilidade rural-urbana, aponta três processos para responder à questão da migração de camponeses nas últimas décadas, além de apontar o que estaria no âmago das mesmas:

[...] (1) a ausência de políticas que garantissem a permanência do homem no campo; (2) o processo de mecanização/modernização da agricultura; (3) [...] crise na atividade agrícola.

No cerne desses três processos impõe-se o que é central nesta discussão: a questão da propriedade privada da terra rural e urbana. Assim, por meio de subsídios financeiros e fiscais do Estado e também de recursos ilegais, como a grilagem e o trabalho escravo, grandes empresas/complexos agrícolas territorializam-se no campo baiano, ou passam a monopolizá-lo como um produto de uma lógica que não é nacional, mas mundial (SANTOS, 2010, p. 63).

Nesta perspectiva, essa migração seria originada pela expropriação, o que acarretaria na busca pela sobrevivência em outras localidades. O resultado é um paulatino esvaziamento do rural e, por conseguinte, um enchimento do urbano.

Contudo, quando se leva em consideração a realidade das pequenas cidades, constata-se um quadro de comércio pouco diversificado, falta de aparelhos de educação, saúde e outros serviços, além de poucas oportunidades de trabalho. É isso que se observa em Gomes (2012), a qual estudou algumas pequenas cidades do Rio Grande do Norte (RN) quanto ao setor terciário. A autora observou que a maior parte dos empreendimentos pesquisados apresentavam estrutura familiar (sendo o chefe de família responsável pelo empreendimento), pequena dimensão e pouco dinamismo (a não ser em ocasiões de festas). E, quando com mais de um funcionário, normalmente os mesmos tinham grau de parentesco com o dono, até porque não apresentam lucro suficiente para contratação. Ou seja, “[...] a grande maioria dos empreendimentos, [...] não se constitui como unidades empregadoras de mão de obra [...]” e “[...] nos leva a inferir que as características apresentadas estão mais direcionadas para uma atividade de subsistência do que para uma atividade capitalista voltada para a acumulação” (GOMES, 2012, p. 131). Há de se observar também que a principal fonte de emprego em pequenas cidades é o funcionalismo público (GOMES, 2012).

A questão é que tal conjuntura acarreta em migrações e no conseqüente declínio demográfico das pequenas cidades. As migrações, então, podem ser entendidas como mobilidade da força de trabalho (ENDLICH, 2006; PINHEIRO, 2007).

Em virtude disso, as características das cidades médias – sua diversificação quanto ao comércio e serviços e seu papel de articular os maiores núcleos urbanos aos menores (MAIA, 2010; SANTOS, 2010) etc – são intensificados. Intensifica-se também a hierarquia entre os centros urbanos, e isso devido ao processo de retroalimentação positiva, “[...] nos quais os resultados de certas relações e decisões econômicas contribuem para sua própria continuidade” (IBGE, 2020, p. 70), haja vista que, segundo Pinheiro (2007), as regiões as quais recebem mais investimentos continuam a recebê-lo, enquanto as demais continuam em situação de pobreza.

Outro aspecto inferido foi o de que municípios com maior grau de urbanização possui também maiores rendimentos nominais médios mensais. Isso faz recordar da argumentação de Pinheiro (2007), para quem concentração de capital é equivalente a concentração de espacial. Também se reitera que, conforme discorre Spósito, a cidade se apresenta como um lugar “[...] onde se reúnem as melhores condições para o desenvolvimento do capitalismo” (SPÓSITO, 2005, p. 64).

Considerações finais

As pequenas cidades perfazem um grande universo de particularidades e especificidades no território brasileiro. Todavia, conforme se viu na revisão de literatura, os estudos sobre as mesmas não são bastante produzidos.

Desse modo, a partir dos dados coletados, observou-se nos municípios que compõe as Mesorregiões Geográficas do Centro Sul e Sul Baiano mudanças nas dinâmicas demográficas nas últimas décadas. Destacam-se: crescimento do urbano – ainda que em alguns a população rural tenha crescido –, declínio demográfico das pequenas cidades e a ascensão das cidades médias.

Esse movimento provoca migrações, em primeiro momento do rural para o urbano e em segundo momento do urbano das pequenas cidades para cidades médias. Ademais, tal conjuntura acarreta na intensificação da hierarquia entre os centros urbanos.

Outrossim, conforme observado na revisão de literatura, são necessárias pesquisas empíricas para se conhecer as especificidades, particularidades, papéis e significados dessas pequenas cidades.

Agradecimentos

Agradecimentos à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Campus Vitória da Conquista pela oferta da bolsa de iniciação científica, e ao PIBIC/CNPq pela concessão e financiamento da mesma (primeira bolsa correspondendo a 2021-2022, e segunda bolsa – atual – com vigência até 2023).

Demographic dynamics of the small cities in the South Central and South Baiano (1991-2010)

Abstract: This text aims to analyze the demographic dynamics of small towns in the Center South and South Bahia between the years 1991 to 2010. For its development, a qualitative and quantitative methodology was used. In this way, a bibliographic survey was carried out related to the suggested theme and the space studied; data collection was also carried out on the municipalities in the study area in the IBGE Demographic Census of the years 1991, 2000 and 2010. Such data were tabulated with Microsoft Excel 2016 software, in addition, MapViewer 8 and QGIS v3.16.6 software was used for map making. Based on the information collected, demographic changes were observed in the municipalities, such as: urban growth, demographic decline in small towns and the rise of medium-sized cities. Thus, due to the fact that small cities make up a very varied universe in Brazil, empirical research is necessary to understand these realities.

Keywords: small cities; urban and rural; demographic dynamics.

Dinâmica demográfica de las pequeñas ciudades del Centro-Sur y Sur de Bahía (1991-2010)

Resumen: Este texto tiene como objetivo analizar la dinámica demográfica de las pequeñas ciudades del Centro Sur y Sur de Bahía entre los años 1991 a 2010. Para su desarrollo, se utilizó una metodología cualitativa y cuantitativa. De esta forma, se realizó un levantamiento bibliográfico relacionado con la temática sugerida y el espacio estudiado; también se realizó la recolección de datos de los municipios del área de estudio en el Censo Demográfico del IBGE de los años 1991, 2000 y 2010. Dichos datos fueron tabulados con el software Microsoft Excel 2016, además se utilizó el software MapViewer 8 y QGIS v3.16,6 para hacer mapas. Con base en la información recabada, se observaron cambios demográficos en los municipios, tales como: crecimiento urbano, declive demográfico en localidades pequeñas y auge de ciudades medianas. Así, debido al hecho de que las ciudades pequeñas componen un universo muy variado en Brasil, la investigación empírica es necesaria para comprender estas realidades.

Palabras clave: ciudades pequeñas; urbano y rural; dinámica demográfica.

Referências

AGUIAR, Paulo César Bahia de *et al.* Evolução da ocupação e na configuração territorial do município de Canavieiras, Bahia, Brasil. **Revista Geográfica de América Central**, n. 53, p. 189-216, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/6620/6750>>. Acesso em: 28 de maio de 2022.

BRASIL. Decreto-Lei nº 311, de 2 de março de 1938. **Dispõe sobre a divisão territorial do país e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del0311.htm>. Acesso em: 20 de abr. de 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** São Paulo: Ática, 1989. Disponível em: <https://www.academia.edu/39284870/O_Espa%C3%A7o_Urbano_Roberto_Lobato_Correa>. Acesso: 24 de out. de 2021. (Série Princípios).

CORRÊA, Roberto Lobato. Globalização e reestruturação da rede urbana – uma nota sobre as pequenas cidades. **Revista Território**, v. 4, n. 6, p. 43-53, jan./jun. 1999. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/amp/8414572-Globalizacao-e-reestruturacao-da-rede-urbana-uma-nota-sobre-as-pequenas-cidades.html>>. Acesso em: 22 de nov. de 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial.** 8. ed. São Paulo: Ática, 2007 [1986]. (Série Princípios, 53).

CORRÊA, Roberto Lobato. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **Revista GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 5-12, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74228/77871>>. Acesso em: 18 de nov. de 2021.

ENDLICH, Angela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do Noroeste do Paraná.** 2006. 504 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de

Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente (SP), 2006. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/105037/endlich_am_dr_prud.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 de nov. de 2021.

ENDLICH, Angela Maria. As pequenas cidades e as áreas de comparabilidade. *In: XII EGAL - Encuentro de Geógrafos de América Latina*, 12, 2009. **Anais...** Montevideu/Uruguai, p. 1-12. Disponível em:

<<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/60.pdf>>. Acesso em: 18 de nov. de 2021.

FERRAZ, Ana Emília de Quadros. Cidades pequenas no território de Identidade do Sudoeste Baiano. **Geopauta**, Vitória da Conquista (BA), v. 4, n. 2, p. 31-52, 2020.

Disponível em:

<<https://periodicos2.uesb.br/index.php/geo/article/view/5958/4980>>. Acesso: 24 de out. de 2021.

GOMES, Rita. Pequenas cidades e dinâmicas de inserções no processo de globalização: uma leitura a partir da realidade brasileira. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n. 2, p. 117-138, dez. 2012. Disponível em:

<<http://cegot.org/ojs/index.php/GOT/article/download/2012.2.006/19>>. Acesso em: 21 de dez. de 2021.

HENRIQUE, Wendel. Diferenças e repetições na produção do espaço urbano de cidades pequenas e médias. *In: LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel (orgs). Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso*. Salvador (BA): SEI, 2010. Disponível em:

<https://www.academia.edu/37832285/CIDADES_M%C3%89DIAS_E_PEQUENAS_TEORIAS_CONCEITOS_E_ESTUDOS_DE_CASO>. Acesso em: 08. de nov. de 2021. p. 45-58. (Série Estudos e Pesquisas, 87).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Divisão do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas**. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. v. 1, 3. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269_1.pdf>. Acesso em: 06 de dez. de 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico – 1991**. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25089-censo-1991-6.html?edicao=25090&t=downloads>>. Acesso em: 06 de dez. de 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico – 2000, 2010**. In: Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/home/pimpfbr/brasil>>. Acesso em 06 de dez. de 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Regiões de influência das cidades**: 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em:

<<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101728.pdf>>. Acesso em: 07 de maio de 2021.

MAIA, Doralice Sátyro. Cidades médias e pequenas do Nordeste: conferência de abertura. *In*: LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel (orgs). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador (BA): SEI, 2010.

Disponível em:

<[https://www.academia.edu/37832285/CIDADES_M%C3%89DIAS_E_PEQUENAS_S_TEORIAS_CONCEITOS_E_ESTUDOS_DE_CASO](https://www.academia.edu/37832285/CIDADES_M%C3%89DIAS_E_PEQUENAS_TEORIAS_CONCEITOS_E_ESTUDOS_DE_CASO)>. Acesso em: 06. de nov. de 2021. p. 15-41. (Série estudos e pesquisas, 87).

MARENGO, Shanti Nitya; FERREIRA, Rainer Beijes. Abordagens teóricas e metodológicas para pensar as cidades pequenas: alguns apontamentos. *In*: IV Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia, 4, 2014. **Anais...** Barreiras (BA), p. 1-15.

Disponível em:

<<http://anais.uesb.br/index.php/ascmpa/article/viewFile/4452/4248>>. Acesso em: 25 de out. de 2021.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. São Paulo: Brasiliense, 2007 [1980]. (Coleção Primeiros Passos, 48).

PINHEIRO, Karisa. Bases teóricas gerais sobre urbanização no Brasil. **RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador (BA), v. 9, n. 15, p. 61-68, jan. 2007.

Disponível em:

<<https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/download/1006/785>>. Acesso em: 10 de mar. de 2022.

SANTANA, Ítalo Costa Vaz. Urbanização em cidades pequenas: o caso de Nova Canaã/BA. **Sitientibus**, Feira de Santana (BA), n. 57, p. 19-26, jul./dez. 2017.

Disponível em:

<<http://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/5139/4272>>. Acesso em: 29 de nov. de 2021.

SANTOS, Janio. A natureza contraditória da urbanização em um contexto de maior complexidade na produção das cidades baianas. *In*: LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel (orgs). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador (BA): SEI, 2010. Disponível em:

<[https://www.academia.edu/37832285/CIDADES_M%C3%89DIAS_E_PEQUENAS_S_TEORIAS_CONCEITOS_E_ESTUDOS_DE_CASO](https://www.academia.edu/37832285/CIDADES_M%C3%89DIAS_E_PEQUENAS_TEORIAS_CONCEITOS_E_ESTUDOS_DE_CASO)>. Acesso em: 08. de nov. de 2021. p. 59-76. (Série estudos e pesquisas, 87).

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual. Natureza, capital e a produção do espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. Disponível em:

<<https://www.athuar.uema.br/wp-content/uploads/2018/01/SMITH-NEIL-Desenvolvimento-Desigual.pdf>>. Acesso em: 06 de nov. de 2021.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005 [2003]. Disponível em: <<https://idoc.pub/documents/abc-do-desenvolvimento-urbano-souza-m-l-depdf-qn85xxg78pn1>>. Acesso: 24 de out. de 2021.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. Estructuración urbana e centralidade. *In*: Encuentro de Geógrafos de América Latina, 3, 1991. **Anais...** Toluca/México, v. 1, p.

44-55. Disponível em:

<<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal3/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/04.pdf>>. Acesso em: 10 de dez. de 2022.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. Urbanização e capitalismo monopolista. *In*: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2005 [1988]. (Coleção Repensando a Geografia). p. 61-75.

Sobre os autores

Elias Antônio Batista Santos - Graduando Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). É bolsista de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq

Altemar Amaral Rocha - Doutor em Geografia pela Universidad de Barcelona, Espanha. Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UESB – PPGeo-UESB.

Recebido para avaliação em março de 2023.

Aceito para publicação em dezembro de 2023.